

Alberto Pereira

Título:

AMOR NO PÂNTANO

Texto:

Caminho como uma fogueira no tempo.
Estão longe os dias
que pronunciavam o Louvre.
Tudo respira entre dois hemisférios:
um repleto de harpas e cotovias,
o outro,
hirto de mandíbulas e agónicas ficções.

O corpo,
antigo prado vigiado pela neve.

Cultivámos o aroma da máscara
e a sensualidade está agora
ligada ao ventilador.

A minha mãe
que orava a Cesariny,
repetia a
Pena Capital.

Dorme meu filho
o amor
será
uma arma esquecida
um pano qualquer como um lenço
sobre o gelo das ruas

Da catedral à erva,
de Beethoven ao soneto final,
basta apenas a dança
de um teorema fugaz.

Esquecemos a gótica leveza
de encostar os lábios
e na boca já não se ouvem
os sinos de Notre-Dame.
Se alguém se desnuda,
a nebulosa taquicardia

não deixa que a vertigem recite:
o teu corpo é o Guggenheim.

De súbito,
o caos enceta um striptease.
Não entendemos
porque a Aurora Boreal
não continua a girar
à volta do nosso ego.

Como traduzir o Outono
onde a queda é definitiva?

O homem será sempre a partitura de um pântano.